

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

CLARICE STRAPASSON DESENGRINI BONA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO:
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA NOS ANOS INICIAIS

São Leopoldo

2012

CLARICE STRAPASSON DESENGRINI BONA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO:
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA NOS ANOS INICIAIS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Orientadora: Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer

São Leopoldo

2012

Dados Internacional de Catalogação na Publicação (CIP)

B697i Bona, Clarice Strapasson Desengrini

A Importância do lúdico no ensino: aprendizagem da educação básica nos anos iniciais / Clarice Strapasson Desengrini Bona ; orientadora Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

63 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Jogos educativos. 2. Ensino Fundamental. 3. Educação de crianças. 4. Brincadeiras. 5. Psicologia infantil. I. Kronbauer, Selenir Corrêa Gonçalves. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

CLARICE STRAPASSON DESENGRINI BONA

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NO ENSINO:
APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO BÁSICA NOS ANOS INICIAIS

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude

Data: 30 de Maio de 2012

Laude Erandi Brandenburg – Doutora em Teologia – Faculdades EST

Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer – Mestra em Teologia – Faculdades EST

AGRADECIMENTOS

Há muitos agradecimentos,
dos quais quero destacar alguns de forma muito especial:
Dedico este meu trabalho à minha mãe,
que me deu todo apoio e incentivo para que este curso se tornasse uma realidade;
Agradeço, em especial, ao meu marido, Alexandre Luis Bona,
que, desde o início, me deu apoio, compreensão, carinho, paciência, sem limites,
para que eu concluísse este curso;
À minha companheira e amiga Juleide Catarina Pereira,
que esteve sempre presente nas horas mais difíceis desta caminhada de mais um
objetivo de minha vida; por suas palavras amigas de ânimo, nas horas dos
trabalhos, pela paciência e por caminhar comigo;
À professora e orientadora Selenir Corrêa Gonçalves Kronbauer,
pela orientação e pelas palavras de confiança e de coragem na caminhada do curso
e no processo da elaboração do trabalho;
Ao meu irmão, Claudiomir, e sua namorada, Fernanda,
que sempre me auxiliaram em tudo o que precisei,
meu eterno muito obrigado;
A todos os meus colegas,
que sempre me incentivaram para que eu prosseguisse e não desanimasse;
em especial, a sempre amiga Érica,
que nunca disse não na hora em que precisei da sua ajuda;
À Secretaria Geral,
pela compreensão e pelo apoio nos dois anos de estudo;
A Faculdades EST e à Federação Luterana Mundial,
pelo auxílio na realização do curso;
E, de forma muito carinhosa e com muita fé e esperança,
a DEUS e a Nossa Senhora Aparecida,
que, em todos os momentos, estiveram presentes.

RESUMO

Atentando-se para a literatura especializada, observa-se que a utilização do lúdico na aprendizagem da educação básica, em específico, nos anos iniciais, é de fundamental relevância. Por isso, o presente trabalho tem por objetivo destacar a importância do lúdico como facilitador da aprendizagem em sala de aula. Será enfatizada a importância do lúdico voltado para o aspecto da sociabilidade das crianças, contando com o auxílio da tecnologia para mostrar que o lúdico exerce um papel importante tanto na vida e na formação das crianças quanto do próprio educador. Desta maneira, destaca-se a necessidade de desmistificar que o “brincar” é não apenas mero entretenimento ocupacional, mas sim um meio em que a aprendizagem e o desenvolvimento da criança se desenvolvem, considerando sua capacidade imaginativa e fantasiosa. A escola deve facilitar a aprendizagem, utilizando-se de atividades lúdicas que criem um ambiente dinamizador e criativo por meio dos jogos, das brincadeiras, da musicalidade, entre outras formas.

Palavras-chave: Lúdico. Educação. Brincar. Tecnologia. Movimento.

ABSTRACT

By paying attention to the specialized literature, it is noticed that the use of playfulness in the learning of basic education, in particular of the early years, is significant. Therefore, the present study aims to highlight the importance of playfulness as a facilitator of learning in classroom. It will be emphasized the importance of the playful concerning the oriented sociability aspect of children, with help of technology to show playful exercises as an important role both in life and in training of children as in the life of their educators. In this way, it is highlighted the need to demystify that plays are not just mere entertainment, but means in which learning and children are developed considering their imaginative capacity and wondrous. The school should facilitate learning using fun activities that create a dynamic and creative environment through games, jokes, musicality, among other ways.

Keywords: Playful. Education. Play. Technology. Movement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 INFÂNCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E PLANEJAMENTO ESCOLAR	19
1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INFÂNCIA	19
1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL	20
1.3 PLANEJAMENTO	30
2 O LÚDICO: JOGOS E BRINCADEIRAS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM	35
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LUDICIDADE E EDUCAÇÃO	35
2.2 O LÚDICO ATRAVÉS DO JOGO	44
2.3 LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL: PISTAS PARA A PRÁTICA EDUCATIVA	48
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Percebe-se que, na atualidade, a educação infantil está voltada não somente para o aprendizado da criança, mas também em proporcionar condições favoráveis para este aprendizado, por meio de atividades associadas à educação que transmitam a elas o prazer de aprender. As pessoas responsáveis pela aprendizagem no ensino infantil, baseando-se em autores como Montessori, Piaget, Froebel, Vigotsky, têm se conscientizado cada vez mais de que é principalmente na fase da educação básica que a escola deveria permitir à criança a interação com seu mundo lúdico. Por meio dessa interação, ela poderia se desenvolver de maneira mais integral em aspectos como físico, cultural, emocional, humano e social.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a criança tem o direito de brincar, deve ter uma boa educação, moradia, proteção, amor, carinho e, acima de tudo, uma família que transmita valores morais e religiosos a ela. O próprio ato de brincar implica em descobertas e aprendizagens de socialização e conscientização de um *eu* da criança e de seu próximo. A brincadeira desperta a imaginação e a percepção da criança, a paixão de conhecer e o prazer de aprender brincando. Uma das formas de unir o prazer em descobrir, desenvolver-se, socializar-se, crescer de forma saudável e garantir o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial da criança é investir na ludicidade como ponto de partida para aproximar a criança de sua realidade na fase em que se encontra.

As atividades lúdicas têm sobre as crianças o poder de facilitar tanto o processo da personalidade integral quanto o processo de cada uma de suas funções: psicológica, intelectual, moral, emocional e social da criança. A escola deve ser um agente facilitador da aprendizagem lúdica, a qual é de suma importância para a formação da subjetividade das crianças. Assim, ela estaria contribuindo para o crescimento e para o bem-estar da criança na escola e para o gosto aos estudos.

A ludicidade é uma maneira apropriada de favorecer a aprendizagem equilibrada da criança, pois proporciona o processo de aquisição de sua autonomia a partir de suas condições específicas de interagir com a realidade. É importante que todo o saber escolar seja valorizado socialmente, visto que se trata de um

processo dinâmico e criativo. Neste, jogos, brincadeiras e musicalidades oferecem a contextualidade como pano de fundo à imaginação e fantasia da criança. A socialização sadia e equilibrada da criança é uma necessidade que toda e qualquer sociedade precisa para sua continuidade.

Com tais atividades, almeja-se que a criança desenvolva a coordenação motora e rítmica, a capacidade de atenção, conhecimento espacial à posição de seu corpo e capacidade diretiva, entre outras coisas, para que ela possa participar do desenvolvimento do grupo social em seus aspectos psicológicos e sociais. Além disso, espera-se que ela desenvolva livremente a expressão corporal, sua criatividade, adquira hábitos de boa atividade corporal, seja estimulada em suas funções orgânicas e desenvolva o espírito de iniciativa, tornando-se capaz de resolver eficazmente situações imprevistas. Diante disso, este trabalho se ocupa com a seguinte questão: como as atividades lúdicas têm se configurado como ferramenta significativa dentro da educação básica, especificamente nos anos iniciais? A partir dessa questão, deseja-se mostrar a importância do lúdico no ensino-aprendizagem da educação básica nos anos iniciais.

O objetivo da pesquisa é mostrar o lúdico como uma ferramenta facilitadora no processo de ensino-aprendizagem de crianças na educação básica, dos anos iniciais. Conforme já sugerido, o lúdico faz parte da infância e se refere a um momento em que a criança pode expressar as suas descobertas em relação ao mundo de maneira criativa e imaginativa. Nessa direção, o lúdico permite às crianças desenvolverem suas capacidades de raciocínio e julgamento, verificando o que é e o que não é apropriado, por meio da análise de situações em que a imaginação e a fantasia estabelecem meios de subjetivação. Dessa forma, dá espaço para a argumentação, a percepção, a análise, reconhecendo o quanto isso é importante para a fomentação de critérios necessários ao discernimento do mundo e de suas ambiguidades.

Assim, o objetivo geral consiste em mostrar como o lúdico pode ser uma ferramenta fundamental e significativa no processo de ensino-aprendizagem dentro da Educação Básica.¹ Especificamente, a proposta aqui é a) definir conceitos sobre escola e educação básica nos anos iniciais; b) avaliar a criança dentro do processo de ensino-aprendizagem na educação infantil e c) mostrar o lúdico como ferramenta

¹ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Referências *sobre os direitos da criança baseado no Estatuto da Criança e Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

imprescindível no ensino-aprendizagem da criança nos anos iniciais da educação básica, considerando-se os conceitos e os autores fundamentais deste tema. A pesquisa é bibliográfica de cunho qualitativo, baseando-se em artigos, livros e dissertações na busca de propor um entendimento sobre o tema em questão.

A utilização dos elementos lúdicos é necessária porque permite aos educadores interagir com a formação da subjetividade da criança, a qual possibilita a ela ver o seu mundo circundante de maneira incrível e fantasiosa. Como diz Piaget: “a criança desenvolve-se de forma integrada nos aspectos cognitivos, afetivos, físicos-motores, morais, linguísticos e sociais”.² Por isso, a relevância deste trabalho remete ao entendimento desta fase reveladora e significativa que incide nas fases seguintes do desenvolvimento da pessoa. A capacidade de imaginação é fundamental para a pessoa adulta lidar com situações que exigem autonomia. Para a educação infantil básica anos iniciais e para o próprio professor, o lúdico vem como um dos recursos ou o principal recurso que irá possibilitar uma correlação com o seu mundo, proporcionando um ensino estimulante, prazeroso e adequado a sua idade.

² PIAGET, Jean. *Psicologia e Pedagogia: a resposta do grande psicólogo aos problemas de ensino*. São Paulo: Forense, 1970. p. 53.

1 INFÂNCIA, EDUCAÇÃO INFANTIL E PLANEJAMENTO ESCOLAR

1.1 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA INFÂNCIA

Uma criança é um ser humano em desenvolvimento. São chamados recém-nascidos do nascimento a um mês de idade; bebê, entre o segundo e o décimo oitavo mês; e criança, entre dezoito meses e doze anos de idade. A criança, “pessoa em formação”, tem o direito de se beneficiar de todas as condições que lhe permitam desenvolver integralmente as suas capacidades, ao nível físico, psíquico, espiritual, moral e social, de modo a garantir sua dignidade como pessoa humana.³

A infância é o período da vida humana que compreende do nascimento à adolescência, isto é, aos doze anos de idade. A infância é a fase da vivência e da percepção do mundo a partir do olhar, do toque, da sensação apreendida com a noção de espaço e tempo, dos sabores e dos cheiros e da capacidade de agir e reagir. Tudo isso faz parte do universo infantil. Ela reflete de forma mais enfática a situação de aprendizagem a qual as pessoas estão condicionadas ao longo de toda a sua vida. A vivência da infância é expressão do movimento de não se permitir ao cansaço dos limites e das possibilidades de maturação. Implica na liberdade de brincar, correr, pular, cantar e contar com adultos responsáveis por sua orientação nesta fase sempre que possível.

A infância é um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso, especialmente nos três primeiros anos de vida. É um período em que acontecem mudanças de comportamento e aquisição de bases para sua personalidade.⁴ Nesta fase, a subjetividade da criança passa por vários estágios. O primeiro estágio da infância é aquele em que os pais são seus principais modelos, no qual elas aprendem a agir principalmente por meio da imitação, da *mimeses*. A principal atividade da criança é a brincadeira, a qual é

³ BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 20 mar. 2012.

⁴ PIAGET, 1970, p. 53.

responsável por estimular o desenvolvimento do intelecto infantil, a coordenação motora e outros aspectos importantes para o pleno desenvolvimento.⁵

Do nascimento até aos 18 meses, o bebê é totalmente dependente de terceiros, principalmente dos pais, para se locomover, se alimentar, se sentar ou para engatinhar de maneira segura. Nesse estágio, a criança cresce rapidamente, aparecem os primeiros dentes, e pronunciam as primeiras palavras. Este período é caracterizado pelo egocentrismo, o mundo para ele gira em torno de si mesmo.⁶

Já dos 18 meses aos 03 anos de idade acontece o desenvolvimento gradual da fala. Esta faixa etária, a criança já forma algumas frases completas e já possui um vocabulário com aproximadamente 800 palavras. Nesse período, a criança prefere, muitas vezes, brincar sozinha, tem seus próprios gostos como roupas, etc., e já diferencia pessoas do sexo feminino e masculino.

Dos 3 aos 4 anos de idade, a criança começa a desenvolver os aspectos básicos de responsabilidade e independência. Elas são altamente ativas, explorando o mundo a sua volta. Os pais nesta faixa etária são os modelos de comportamento.

Dos 5 aos 9 anos, por sua vez, é o período marcado pelo desenvolvimento psicológico, pelo amadurecimento social, emocional e mental. Nessa faixa etária, as crianças começam a aprender regras de padrões de comportamento. As crianças passam a desenvolver a autoimagem e se identificam com os pais e parentes.

Por fim, dos 10 anos até aos 12, a chamada pré-adolescência, é a época de intensas mudanças físicas e psicológicas. As crianças começam a assumir mais deveres, responsabilidades. Suas necessidades psicológicas são determinadas pelas habilidades e pelos traços de personalidade que os pais esperam que seus filhos desenvolvam.

1.2 A EDUCAÇÃO INFANTIL

Em um artigo intitulado “Conceito de Educação”, Daniel Barbosa apresenta um panorama sobre diferentes conceitos acerca da educação. Segundo ele,

⁵ PIAGET, 1970, p. 53.

⁶ TERRA, Márcia Regina. O desenvolvimento humano na teoria de Piaget. *Publicações de Alunos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

No sentido mais amplo [a educação] é um processo de atuação de uma comunidade sobre o desenvolvimento do indivíduo. [...] Segundo o dicionário Aurélio, educação é o processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando a sua melhor integração individual e social. Paulo Freire diz que a educação tem caráter permanente. Não há seres educados e não educados, estamos todos nos educando. Afirmção tão coerente nos faz refletir sobre o processo educativo contínuo, com base de uma constante busca pela melhoria da qualidade da formação docente e discente. Uma educação infantil capaz de estimular a reflexão, a criatividade, a crítica e a troca de experiência, só será possível mediante uma concepção de educação que valorize o homem e o seu fazer no tempo e espaço. A educação não tem uma fórmula pronta a seguir, a fórmula é criada, desvendada a cada passo em que estimulamos os nossos educandos, estes por sua vez têm seus conhecimentos prévios que devemos levar em consideração para acrescentar nessa fórmula do educar. Além do que educação é muito mais do que um período, que uma etapa que uma tarefa, ou ainda que uma fase. Educação é o processo em que o humano vai buscando trilhar o caminho do amadurecimento integral. Este processo não é momentâneo ou passageiro, mas, sim uma dinâmica que precisa ser buscada e vivida durante toda a existência.⁷

Educação significa, portanto, adquirir consciência, consciência de si mesmo e dos outros a sua volta. Mais ainda, a educação é construção de conhecimento. Entretanto, trata-se mais que simples absorção, significa uma troca entre aluno e professor, entre alunos, entre aluno e o mundo a sua volta. Educação, pois, é processo, uma construção permanente na vida do ser humano.⁸

A escola é cada vez mais responsabilizada pela educação, em todos os níveis, e o professor, como agente principal deste processo, não está suficiente ou adequadamente preparado. O desafio é preparar para o desconhecido, para o novo. Neste sentido, a união entre ciência, arte, técnica adquirem importância fundamental na formação do ser humano e, por extensão, do educador. O educador precisa aprender a fazer a tensão entre o sujeito que aprende e o sujeito da aprendizagem. O mercado de trabalho exige hoje profissionais arrojados, versáteis, que estejam sempre preparados, atualizados e reciclados, com informações recentes sobre a área em que atuam e, principalmente, que trabalhem com prazer e amor.

Portanto, a educação infantil é uma educação capaz de estimular a reflexão, a criatividade, a crítica e troca de experiências, segundo o Paulo Freire, só será possível mediante uma concepção de educação que valorize o homem e o seu fazer localizado no tempo e espaço. De acordo com esta perspectiva a educação deve ser libertadora, pois o homem, ser de buscas,

⁷ OLIVEIRA, Daniel Barbosa de. *Conceito de Educação*. 09/2009. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAAT18AJ/conceito-educacao>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

⁸ OLIVEIRA, 2009.

dialoga com o semelhante através da linguagem, troca idéias e transforma o mundo. Em especial as crianças desta idade já devem ser estimuladas no desenvolvimento de sua autoestima, autonomia e cidadania, pois como seres sociais tornam-se pertencentes a uma classe social, nesse sentido cabe a escola reconhecê-las como seres atuantes na sociedade, e no caso da educação infantil, deve lhe oferecer oportunidades de manusear, observar, identificar, enumerar, classificar objetos e situações do mundo, tornando um recurso precioso, completando a ação desenvolvida pela família para um desenvolvimento seguro e sadio da criança.⁹

No entanto, a escola de educação infantil se torna um estímulo para a criança, na medida em que exige uma organização das atividades num ambiente rico em desafios, respeito à criatividade e espontaneidade da criança. Valorizando o comportamento criativo, através das atividades lúdicas, espontâneas, de expressão e solução de problemas, que canalizam a energia vital da criança para um desenvolvimento psicológico e intelectual sadio.

Acompanhar a criança em seu desenvolvimento exige um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sociocultural, decorrentes do caráter evolutivo de seu pensamento. Significa respeitá-la em sua individualidade e em suas sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento em todas as áreas.¹⁰

Em termos de políticas educacionais, no Brasil, a partir dos anos 1970, a partir da Constituição Federal de 1988, ocorre o reconhecimento da educação em creches e pré-escolas como um direito da criança e um dever do Estado.¹¹ Esse compromisso e esse direito são reafirmados na Lei nº 8.069, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Este dispõe da proteção integral da criança e do adolescente como dever do Estado. Nos termos do artigo 2º, considera-se criança a pessoa de até 12 anos de idade incompletos.¹²

A sociedade e o estado devem criar todas as condições sócio-econômicas, culturais e ambientais que assegurem a criança e a sua família o usufruto do desenvolvimento dos recursos e do progresso social da comunidade em que se inserem, assim como promover o seu bem-estar e a qualidade de vida.

Segundo a convenção sobre os direitos da criança, “criança é todo ser humano menor de dezoito anos” salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir condições que lhes permite desenvolver integralmente as

⁹ OLIVEIRA, Cássia Pereira. *O que é Educação infantil?* Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1948917-que-%C3%A9-educa%C3%A7%C3%A3o-infantil/>>. Acesso em: 17 jan. 2012.

¹⁰ CRESCER, Escola Infantil. *Avaliação*. Disponível em: <<http://www.escolainfantilcrescer.com.br/index.php?id=8>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

¹¹ HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Um sensível e reflexivo sobre a criança: avaliação na pré-escola*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

¹² BRASIL, 1990.

suas capacidades, a nível físico, psíquico e espiritual, moral e social, de modo a garantir a sua dignidade de pessoa humana.¹³

Na história social da criança por volta do século XII, não havia lugar para a infância no mundo. As crianças se misturavam aos adultos nos diferentes afazeres, tanto nas atividades lúdicas quanto no trabalho. Não havia atividade específica para as crianças, pois eram tratadas como adultas de tamanho reduzido. A infância era considerada como um curto período de transição que logo era esquecido. A infância era uma fase sem importância, pois havia tantas crianças, cuja sobrevivência era tão problemática, e elas não eram encaradas como sujeitos, com personalidade, com direitos, com conhecimento. Somente a partir do século XVII, é possível começar a falar em uma descoberta da criança.¹⁴

No contexto brasileiro, no século XIX, nascia Monteiro Lobato. A partir de 1882, ele passa a escrever seus livros de literatura infantil, que, de algum modo, passa a considerar a criança brasileira e lançar outras perspectivas à infância.

Já no contexto hodierno, a configuração de relações que a sociedade atual vivencia faz com que estratégias de repressão tão comum em outros tempos, inclusive na escola, tenham que ser substituídos por outras formas de diálogo, de negociação e de convencimento. A partir de uma crise de relações, floresce uma diversidade de temas em torno dos quais podem se encontrar: responsabilidade da escola e responsabilidade dos pais, significado da autonomia da criança, direitos e deveres, alimentação e saúde, educar filhos hoje, relação entre pais e educadores.

A partir de 1995, entretanto, acontece uma mudança de paradigmas. De acordo com Franco,¹⁵ não se trata mais de se ter a figura do professor como centro do processo de aprendizagem. A prática pedagógica torna-se basicamente relacional, na qual o professor se torna um problematizador da ação conhecedora do seu aluno. Isso exigirá do educador o conhecimento das reações das crianças, isto é, trata-se de perceber suas tentativas, seus limites e suas possibilidades e, a partir disso, de planejar a ação pedagógica a partir de observações e reflexões.

¹³ CONCEITO de Criança e de Menor. Disponível em:

<http://www.ussetubal.pt/Legislacao/crianca_01.htm>. Acesso em: 13 jan. 2012

¹⁴ PENTRY, Luíza. RESMINI, Gabriela. FRANCO, Marina. MEIMES, Máira. *Infância*. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/infancia-texto.html>>. Acesso em: 13 jan. 2012

¹⁵ FRANCO *apud* HOFFMANN, 2004, p. 87.

Para Vygotsky,¹⁶ pensador sociointeracionista, a ação da criança é também essencial para o seu desenvolvimento, através da interação com os elementos de sua cultura e do meio social. Dessa forma, a criança participa ativamente da construção de sua própria cultura e de sua história, constituindo sua identidade a partir das relações interpessoais. De acordo com Vygotsky, todo o indivíduo tem possibilidades intrínsecas de desenvolvimento e progresso intelectual. Nessa direção, a tarefa do educador emerge como acompanhamento, no sentido de mediar a ação da criança, favorecendo-lhes desafios, tempo, espaço e segurança.

Além de proporcionar o desenvolvimento da criança em todos os sentidos, inclusive no desenvolvimento cognitivo, é necessário transpor para o cotidiano escolar, e, dentro deste, para a educação infantil, os quatro pilares da educação contemporânea, os quais, por sua vez, refletem norteiam o ensino integral: aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer constituem aprendizagens indispensáveis. “Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um de seus componentes”,¹⁷ sendo o lúdico uma forma de alavancar o espírito criativo e construtivo da criança.

O ser humano é a um só tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social, histórico. Diante dessa pluralidade de sentidos, surge a importância da fantasia e do imaginário no ser humano. Vale ressaltar que a imaginação é uma faculdade própria do ser humano e que ela coloca o organismo em conexão com o mundo exterior e o mundo interior. Do movimento imaginativo apenas 2% do conjunto representam o funcionamento externo, ao passo que 98% referem-se ao funcionamento interno, de necessidades sonhos, desejos, ideias, imagens e o lúdico no espaço infantil. Ao ser potencializada na educação infantil, ela permite que este indivíduo explore todos os sentidos, inclusive desenvolva o físico, biológico, psíquico e inclusive o cultural.¹⁸

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência e mostrar de forma criativa para a criança as possibilidades do aprendizado seja individual ou em grupo.¹⁹

¹⁶ VYGOTSKY *apud* OLIVEIRA, Marta Kohl de. Pensar a Educação: contribuições de Vygotsky. In: CASTORINA, José Antônio et al. *Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate*. São Paulo: Ática, 1988. p. 79

¹⁷ MORIN Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 11

¹⁸ MORIN, 2005, p. 15.

¹⁹ MORIN, 2005, p. 39.

Nessa direção, a educação do futuro deverá ser o ensino pautado na criatividade despertando nos anos iniciais o prazer da criança pelo aprender, pelo conhecer. Por isto, o lúdico se torna prioritário nesta fase: pois leva ao mundo infantil o prazer em aprender, o conhecer através do brincar, alavancando todas as suas potencialidades. Criança é um sujeito, como todo ser humano, que está inserida em uma sociedade, deve ter assegurado uma infância enriquecedora no sentido de seu desenvolvimento, seja psicomotor, afetivo, ou cognitivo.

A família é a principal instituição social. Enquanto tal, ela deve receber condições básicas para a formação das crianças. Naturalmente, ela é igualmente muito influenciada pelo meio social e cultural em que se situa. É na família que se encontra a educação informal que conduz o ser humano para a formação do caráter. “Qualquer projeto Educacional sério depende da participação familiar: em alguns momentos, apenas o incentivo, em outros, de uma participação efetiva no aprendizado, ao pesquisar, ao discutir, ao valorizar [...]”.²⁰ Portanto, é na família que a criança adquire os bons hábitos para depois ampliá-los na escola e em outros ambientes. A família ainda tem sido considerada como base fundamental da sociedade, onde ela deve transmitir vivências de acordo com os ensinamentos com valores e crenças de cada família.

Nessa direção, a educação psicomotora deve ser considerada como uma educação de base na escola infantil. Ela condiciona todos os aprendizados pré-escolares, leva a criança a tomar consciência do seu corpo, do espaço, a dominar o seu tempo, adquirir coordenação de gestos e movimentos. A educação psicomotora busca a qualidade de vida entre as crianças por meio dos jogos e das brincadeiras. A principal atividade da criança é brincar. É nas brincadeiras onde ocorrem as maiores transformações no desenvolvimento cognitivo da criança. As crianças aprendem através da acumulação de conhecimentos, da criação de hipóteses e de experiências vividas a partir dos jogos que jogam.

A criança, especialmente a menor de três anos de vida, ainda hoje é desconhecida para aqueles que se ocupam dela, embora saibamos muito bem que nestes primeiros anos devem ocorrer todas as construções fundamentais para personalidade. Nestes anos, a ajuda educativa está confiada apenas aos pais ou a outros adultos da família ou ainda a instituições que acolhe, mas crianças que trabalham, mas geralmente todas

²⁰ CHAUTA, Gabriel. *Educação: A solução está no afeto*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57800246/Livro-Educacao-a-Solucao-Esta-No-Afeto-Gabriel-Chalita>>. Acesso em: 12. Dez. 2011.

as pessoas que se ocupam delas não tiveram uma verdadeira preparação para a tarefa que lhes foi confinada. A importância da família é, no entanto, a mais determinante para um desenvolvimento positivo do ser humano.²¹

A criança aprende através da imitação, identificação e instrução. Do nascimento até os cinco anos a personalidade e o temperamento da criança são basicamente formados. O que a criança absorve do seu contexto nos primeiros cinco anos de sua vida ficará para a vida inteira.²²

As famílias possuem um papel fundamental no desenvolvimento psicológico da criança. A principal preocupação dos pais é ajudar as crianças em seu desenvolvimento. Nessa direção, a maior herança que os pais devem deixar é a boa formação do caráter aos seus filhos, os bons valores, educação e conhecimento. Pensando na educação integral, o fator afetivo inclui os relacionamentos intra e interpessoais. Ao brincar, a criança vai se relacionar consigo mesmo e com os outros, enfim com o mundo ao seu redor. O aspecto cognitivo, por sua vez, se refere ao desenvolvimento do intelecto durante as atividades lúdicas. As crianças aprendem brincando, aumentam seu conhecimento através da vivência e da aprendizagem. Por fim, vale ressaltar que é dever da família assegurar à criança os direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade.

Nenhuma criança será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência. A criança tem direito à vida e a saúde. A liberdade, ao respeito, e a dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento: direito de opinião e expressão, brincar, praticar esportes e divertir-se.²³

Nessa direção, a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança. A educação infantil deve ser uma educação capaz de estimular a reflexão, a criatividade, a crítica e a troca de experiências. Isso, segundo Paulo Freire, só será possível mediante uma concepção de educação que valorize a pessoa no tempo e no espaço.²⁴ De acordo com esta perspectiva, a educação deve ser libertadora. As crianças já devem ser estimuladas desde seus primeiros passos no desenvolvimento de sua autoestima, autonomia e

²¹ MONTESSORI, Maria. *Montessori em família*. São Paulo: Nórdica, 2000. p.11.

²² GEORGE, Sherron K. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Luz para o Caminho, 1993. p. 104.

²³ BRASIL, 1990.

²⁴ OLIVEIRA, Cássia Pereira de. O que é educação infantil? Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1948917-que-%C3%A9-educac%C3%A7%C3%A3o-infantil/>> Acesso em 20 mar 2012.

cidadania. Neste sentido, cabe à escola reconhecer as crianças como seres atuantes na sociedade. No caso da educação infantil, deve-se oferecer oportunidades de manusear, observar, identificar, enumerar, classificar objetos e situações do mundo, completando a ação da família para o desenvolvimento seguro e sadio da criança.

A infância é um período extremamente sensível, neste período todas as impressões, sons, ruídos e outros componentes do meio são absorvidos. A facilidade e a espontaneidade são características das aquisições da infância. E mais, neste período os organismos estão em desenvolvimento são dotados de sensibilidade especial. Ao mesmo tempo em que é objeto de uma série de transformações físicas decorrentes do crescimento.²⁵

A escola de educação infantil se torna um estímulo para a criança, na medida em que organiza as atividades num ambiente rico em desafios, respeitando a criatividade e a espontaneidade da criança; isto é, quando a escola de educação infantil encontra um equilíbrio sadio em suas propostas, de modo a valorizar também o comportamento criativo, através de atividades lúdicas, espontâneas, de expressão e de solução de problemas, que canalizam a energia vital da criança para um desenvolvimento psicológico e intelectual sadio, a escola cumpre seu papel de buscar um ensino libertador.

O espaço jamais é neutro. O educador não pode conformar com o meio tal como ele é oferecido, deve comprometer-se com ele, deve incidir, transformar, personalizar o espaço onde desenvolve as atividades, torná-lo seu, projetar-se fazendo deste espaço um lugar onde a criança encontre o ambiente necessário para desenvolver-se.²⁶

De acordo com Forneiro, o espaço físico é de suma importância para o desenvolvimento integral das crianças, suas necessidades. Quando o espaço físico é propício e adequado às necessidades das crianças, ele facilita a aprendizagem.²⁷ Vale ressaltar que acompanhar a criança em seu desenvolvimento exige um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sociocultural, decorrentes do caráter evolutivo de seu pensamento. Isso significa respeitar a criança em sua individualidade e em suas sucessivas e gradativas conquistas de conhecimento em todas as áreas.

²⁵ MONTESSORI. *O que você precisa saber sobre seu filho*. Rio de Janeiro: Portugalia, 1998. p. 44.

²⁶ FORNEIRO apud MARQUES, 2005, p. 89.

²⁷ FORNEIRO apud MARQUES, 2005, p. 90.

Nessa direção, para que a educação infantil atinja seus objetivos, contemplem e assegurem o desenvolvimento integral das crianças, torna-se necessário que sejam realizadas avaliações periódicas das práticas educativas nas escolas. “A prática avaliativa surge então como um elemento de controle sobre a escola e sobre os professores, que se vêem com a tarefa de formalizar e comprovar o trabalho realizado via avaliação das crianças”.²⁸ O modelo de avaliação classificatória se faz presente nas instituições de educação infantil, pois avaliar é registrar, ao final de um semestre, os comportamentos a serem classificados como: atingiu, atingiu parcialmente, não atingiu, poucas vezes, fraco, bom, etc. Em outras palavras, em muitas instituições, a prática avaliativa se reduz a preenchimento de fichas de comportamentos, ou a elaboração de pareceres descritivos. O cotidiano da criança não é levado em conta, nem a postura pedagógica do educador.

Nessa direção, a avaliação acaba se resumindo a uma análise artificial do desenvolvimento infantil, que, por sua vez, nega a identidade da criança que está sendo avaliada e a identidade do professor que trabalhou com ela. Dessa forma, a ação avaliativa se torna um reflexo da própria mediação entre a criança, a sua realidade e o espaço institucional, mediados pelo olhar do educador, o qual, com suas impressões de mundo e suas concepções a respeito das crianças, defere e, muitas vezes, sentencia qualquer atividade inovadora.

Diante disso, segundo Hoffmann, é necessário buscar uma proposta pedagógica de avaliação da educação infantil que considere a diversidade de interesses e possibilidades do mundo da criança, em respeito à sua própria identidade sociocultural. Além disso, é necessário que professores sejam dedicados e interessados no universo infantil, isto é, é imprescindível que professores sejam curiosos a respeito do mundo das crianças, capazes de apoiá-las, mediando suas conquistas e promovendo desafios. Por fim, é imprescindível que haja um processo avaliativo que dê conta da pluralidade e da diversidade, que valorize as crianças enquanto sujeitos e sustente uma observação, uma reflexão permanente acerca das ações e pensamentos das crianças.²⁹ Isso tudo porque, afinal de contas, segundo

²⁸ RODRIGUES, Sílvia Adriana. GARMS, Gilza Maria Zauhy. *Concepções e metodologias de avaliação na educação infantil: os percalços e os desafios da atualidade*. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/epg/05/EPG0000096%20ok.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2012

²⁹ HOFFMANN, 1996, p. 45. ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006. p. 56.

Hoffmann, na perspectiva de Piaget,³⁰ a criança constrói o conhecimento na sua interação com o objeto, entendido aqui de diversas formas: o seu próprio corpo, as coisas, as pessoas, os fenômenos do mundo físico em geral. Ao nascer, cada criança apresenta processos internos que lhe possibilita a aprendizagem. Isso significa que existe um sujeito ativo desde o nascimento, mas cujo desenvolvimento depende radicalmente dessa ação. Essa concepção inovadora revela um fato, uma problematização que a precede e a permeia.

Muitas crianças não têm sucesso na escola, não por serem ignorantes ou incompetentes, mas por tornarem-se incompetentes graças à “divisão social” (entre competente e incompetente) existente na educação. Isso significa que a maneira pela qual a educação é oferecida já traz embutida a impossibilidade de sua universalização. “A escola não é uma ilha, mas faz parte do mundo, e nesse sentido reflete as disparidades e as lutas sociais e que a escola permanece a serviço do status, deixando de se tornar um possível instrumento de transformação”.³¹ Entretanto, educar não é levar o conhecimento de fora para dentro, mas despertar no indivíduo o que ele já sabe, proporcionando ao corpo e à alma a realização do bem e da beleza que eles possuem e não tiveram ocasião de manifestar. Ora, no fundo, educar é cultivar a criança no sentido de fazer dela um ser humano (o que não significa aqui um processo de formatação). Por trás de todo processo educativo reside, na verdade, uma imagem de ser humano, isto é, uma imagem de uma pessoa, e, conseqüentemente, de uma sociedade, que se espera. Segundo Aranha,

De modo geral a educação grega está constantemente centrada na formação integral corpo e espírito, nos primeiros tempos, a educação é ministrada pela própria família. A criança nobre permanece em casa até os sete anos, quando é enviada aos palácios de outros nobres a fim de aprender, a criança permanece com a família até os sete anos, quando o Estado passa a oferecer uma educação pública e obrigatória, até os doze anos predominam as atividades lúdicas, conforme a criança cresce, aumenta o rigor da aprendizagem e a educação física se transforma em verdadeiro trino militar.³²

Aqui vale retomar os diversos pensadores apresentados por Maria Lúcia de Arruda Aranha.³³ De acordo com a autora, segundo a perspectiva educacional de

³⁰ PIAGET apud HOFFMANN, 1996, p.123

³¹ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 2. ed. rev. e atualizada São Paulo: Moderna, 1996. p. 29.

³² ARANHA, 1996, p. 32.

³³ ARANHA, 1996, passim.

Santo Tomás de Aquino, a educação é uma atividade que torna realidade aquilo que é potencial. Desse modo, a educação nada mais é do que a utilização das potencialidades da criança. Rousseau, por sua vez, preconiza uma educação afastada do artificialismo das convenções sociais. Assim, ele valoriza a experiência, defendendo uma educação ativa, voltada para a vida, para a ação cujo principal motor é a curiosidade. Já Kant redefine a relação pedagógica, reforçando a atividade do aluno, que deve aprender a “pensar por si mesmo”. De modo diferenciado, Dewey quer preparar o aluno para a sociedade do desenvolvimento tecnológico e para a vida democrática. A pedagogia de Dewey é rica em aspectos inovadores e sua principal marca se encontra na oposição à escola tradicional, embora ele reforce a adaptação do aluno. Montessori entende a educação por meio de uma atividade livre concentrada, baseada no princípio da autoeducação. Nessa perspectiva, o aluno pode utilizar o material de ensino na ordem que ele escolher, destinando ao professor a tarefa de dirigir a atividade. Independente das diversas ênfases, o material didático destinado ao processo de ensino e aprendizagem deve ser voltado para a estimulação através de experiências, quantidades, dimensões, cores, formas, sons com clara intenção de alcançar o maior domínio do corpo e das coisas.

Na perspectiva de Emilia Ferreiro, a imaginação pedagógica é necessária para dar às crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita. O professor é simultaneamente um guia e um mediador. Assim, o educador já não é mais aquele que apenas educa, mas aquele que, enquanto educa, é educado. Nessa direção, conforme Aranha, a educação deve verter-se para despertar a criatividade, estimular a invenção, subvertendo o definitivo das formas impostas.³⁴

1.3 PLANEJAMENTO

Planejar é tentar prever o imprevisível, delimitar metas e resultados e os procedimentos mais adequados para se alcançar os resultados desejados. Nessa direção, o grande desafio é conciliar os diferentes valores que existem: família, escola, sociedade. Além disso, frequentemente, não conseguimos executar aquilo

³⁴ ARANHA, 1996, p.41.

que planejamos em conjunto, pois falta o comprometimento de todos. Diante disso, precisamos resgatar o lugar do professor como sujeito do processo educativo. Planejamento é uma necessidade do professor, é o nosso desafio é resgatá-lo como possível e necessário. Planejar implica acreditar na possibilidade de mudança.

Planejamento é o processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, visando ao melhor funcionamento dos objetivos propostos. O ato de planejar é sempre um processo de reflexão, de tomada de decisão sobre a ação; processo, previsão de necessidades e racionalização de emprego de meios (materiais) e recursos (humanos) disponíveis, visando a concretização dos objetivos, em prazos determinados e etapas definidas, a partir dos resultados das avaliações.³⁵

Pensando na questão da ludicidade na prática educativa na perspectiva do planejamento, o professor deve ser o facilitador dos momentos lúdicos, usando do seu bom planejamento para atingir seus objetivos junto 'a criança'. Nessa direção, outro elemento importante que se coloca para o professor é acreditar que as coisas podem mudar, é crer na possibilidade de mudança do outro, visto que a atividade do professor está relacionada à transformação do sujeito-educando. A verdadeira relação educativa não se faz sem um vínculo de confiança recíproco, o educando confiando na competência do professor e o professor confiando na capacidade de aprender e de se desenvolver do educando. O planejamento se integra ao processo de ensino-aprendizagem. É processo de reflexão, tomada de decisão, enquanto processo, o planejamento é permanente, o plano, enquanto produto, é provisório.

O planejamento pedagógico diz respeito ao trabalho em sala de aula e está baseado no relacionamento interpessoal, na organização da coletividade e na construção do conhecimento. Nessa direção, o planejamento está diretamente relacionado ao currículo e aos conteúdos apresentados em sala de aula. O currículo não pode ser pensado apenas como um rol de conteúdos a serem transmitidos para um sujeito passivo; é necessário considerar a realidade dos educandos. Assim, o objetivo principal do planejamento é possibilitar um trabalho mais significativo e transformador, mais realizador na sala de aula, na escola e na sociedade. A educação, portanto, além de desenvolver raciocínios e conteúdos, que são necessários, precisa desenvolver uma postura diante do mundo. A finalidade da educação escolar é colaborar na formação do educando.

³⁵ BAFFI, Maria Adelina T. *O planejamento em Educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 1.

Conteúdo não é só o conhecimento: envolve também habilidades, hábitos, atitudes, valores, posicionamento, operações mentais, etc. Sob a perspectiva de uma concepção integral, na organização do currículo e da escola, deve-se levar em conta, portanto, a criança como um todo e, desse modo, buscar desenvolver a parte afetiva, lúdica, estética, física, etc. O conteúdo significativo não é necessariamente aquele que é útil, de aplicação imediata, e sim aquele que ajuda a compreender a realidade com vistas a sua transformação, e a desenvolver estruturas de reflexão.³⁶ No processo de desenvolvimento do sujeito, o que se deve buscar é resgatar o vínculo do conhecimento com a prática social, a exigência básica é a mudança de postura do educado, para a construção do conhecimento. A pedagogia escolar deve estar ciente de que não é a única instância educativa e que ela tem o papel peculiar de criar experiências de aprendizagens. Para isso, entretanto, ela precisa reencantar a educação.

Reencantar a educação significa colocar ênfase numa visão da ação educativa como experiência de aprendizagem, pois educar é fazer emergir vivências do processo de conhecimento. A educação só consegue bons resultados quando se preocupa com as experiências de aprendizagens, quando se nutre da criatividade para construir conhecimentos e promove a habilidade de saber acessar fontes de informações. Aprendizagem trata-se de uma rede ou teia de interação, complexas e dinâmicas, que vão criando estados gerais qualitativamente no cérebro humano.³⁷

É importante aprender a brincar com palavras e conceitos. As linguagens são um parque de diversão e as palavras são brinquedos. Exercitar essa concepção na escola é exercitar um recurso humanizado. Parte importante da didática é saber unir a dimensão instrumental e lúdica do jogo das palavras. De acordo com Howard Gardner, a inteligência seria um conjunto de janelas diversificadas, propondo sete inteligências ou áreas de potencial intelectual:

- 1ª: A verbal linguística: relacionada à verbalização escrita ou falada.
- 2ª: A musical rítmica: baseada no reconhecimento de padrões tonais, sons e na sensibilidade para ritmos, batidas, etc.

³⁶ VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *1956 Planejamento: Plano de Ensino aprendizagem e Projeto Educativo: elementos metodológicos para elaboração e Realização*. São Paulo: Libertad, 1995.

³⁷ ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade a sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

- 3ª: A lógico-matemática: chamada de pensamento científico, lida com o raciocínio indutivo e dedutivo, com números e reconhecimento de um padrão abstrato.
- 4ª: A visual-espacial: apoia-se no sentido da visão, possui a tendência de visualizar tudo sobre a forma de objetos, representações e imagens mentais.
- 5ª: A corporal-cinestésica: relacionada com o movimento físico e o conhecimento do corpo.
- 6ª: A interpessoal: refere-se ao relacionamento pessoa a pessoa e à comunicação.
- 7ª: A intrapessoal: relacionada aos estados internos, a autorreflexão, pensar sobre o pensar.³⁸

Aprender é um processo que inclui vários aspectos determinantes e pode orientar-se a diversos objetivos. Assim cabe ao educador saber entender e valorizar essas inteligências presentes em nossas crianças. Cada criança tem seu tempo. “Tempo pedagógico é o tempo dedicado a produzir vivências do prazer de estar aprendendo. O tempo da escola só se transforma em tempo pedagógico quando seu transcurso cria um espaço e um clima propício de aprendizagem”.³⁹ Enfim, podemos dizer que há tempo para inovação curricular na educação, desenvolver a autoestima, para o brinquedo e o jogo, para dizer sim a vida, tempo de organização.

Educar é mais que boa transmissão de conhecimentos, é seduzir seres humanos para o prazer de estar conhecendo. Portanto nenhum poder econômico ou político é capaz de controlar e colonizar os espaços de conhecimento. A educação se confronta com essa apaixonante tarefa de formar seres humanos para os quais a atividade, a ternura e a solidariedade sejam ao mesmo tempo, desejo e necessidade. Reencantar a educação significa vivenciar as implicações pedagógicas do fato que os processos cognitivos e os processos vitais trata-se de um encontro, desde sempre marcado, do viver com o aprender.⁴⁰

Neste contexto, os frutos da educação já não podem resumir-se a conhecimentos acumulados, mas devem ser avaliados nas experiências de aprendizagem e na competência para se continuar aprendendo.

³⁸ Informações retiradas de: GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

³⁹ LOUVEM, Mônica Andréa Porto. *Tempos na escola: conjugando chrónos e kairós*. Disponível em: < <http://pedagogosaracruz.blogspot.com/2010/03/tempos-na-escola-conjugando-chronos-e.html>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

⁴⁰ ASSMANN, 1998, p.56.

2 O LÚDICO: JOGOS E BRINCADEIRAS NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE LUDICIDADE E EDUCAÇÃO

A educação hoje engloba os processos de aprender e ensinar, de ajustes e adaptações diante da realizado do educador e do aprendente. Conforme ressaltado até aqui, hoje a educação não se restringe mais a depositar conteúdos nas crianças, mas envolve a construção conjunta de um espaço de aprendizagem mútua, adequado à realidade e às experiências dos alunos. E, naturalmente, uma das maneiras de estimular a aprendizagem mútua é por meio de jogos e brincadeiras. Através de jogos e brincadeiras, o educando encontra apoio para superar suas dificuldades de aprendizagem, melhorando seu relacionamento com o mundo. Conforme Fortuna,

De qualquer forma, mais importante do que diferenciar estes conceitos é conhecer o que têm em comum: brincamos e jogamos para dominar angústias e controlar impulsos, assimilando emoções e sensações, para tirar a prova do Eu, estabelecer contatos sociais, conhecimentos e criatividade. Experimentamos jogos e brincadeiras tradicionais e/ou antigas porque isto nos dá um senso de continuidade e permanência.⁴¹

Percebe-se que, de algum modo ou em algum momento de nossas vidas, brincamos independente de ser ou não criança. Como educador, é indispensável as lembranças da infância. Estas se fazem necessárias para a compreensão das nossas crianças e para poder intervir quando necessário. Os jogos, as brincadeiras, as cantigas de roda são atividades fundamentais da infância e permeiam a vida.

Quando educadores falam em lúdico no processo de aprender, precisam estar cientes de que a brincadeira é necessária e traz enormes contribuições para o desenvolvimento das habilidades de aprender e pensar. Esse modelo (com jogos, brincadeiras, canções, etc.) é bastante antigo, foram utilizados pelos egípcios, maias

⁴¹ FORTUNA, Tânia Ramos. Papel do Brincar: aspectos a considerar no trabalho lúdico. *Revista do Professor*, Porto Alegre, p. 9-14, jul/set, 2002. p. 10.

e romanos, entre outros, onde se aprendia com os mais velhos os valores mais perenes e que deveriam permanecer em nossas vidas, como padrão social.

O jogo não é um simples passatempo. Ao contrário, corresponde a uma profunda exigência do organismo e possui grande importância na educação escolar. O jogo não pode ser visto apenas como divertimento ou brincadeira para gastar energia, pois ele favorece o desenvolvimento físico, cognitivo afetivo e moral. Através dele, processa-se a construção de conhecimento, principalmente nos períodos sensório-motor e pré-operatório. As crianças ficam mais motivadas para usar a inteligência, pois querem jogar bem, esforçam-se para superar obstáculos tanto cognitivos quanto emocionais. Estimula a criança a observar e conhecer as pessoas e as coisas, pois pode brincar naturalmente, testar hipóteses, explorar toda sua espontaneidade criativa utilizando suas potencialidades de maneira integral.⁴²

O ato de brincar implica em descobertas de novos aprendizados, da socialização das crianças e da plena conscientização do seu eu e do próximo. Neste ato, vem a importância dos jogos infantis. Através destes, as crianças desenvolvem a noção de autonomia e de ordem, ritmo e reciprocidade. Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionam o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.⁴³

Nessa direção, percebe-se que vários autores contribuíram a respeito da correlação entre a criança e a ludicidade, onde se destacam alguns, que buscaram mostrar o lúdico como ferramenta indispensável para se explorar a criatividade, potencialidades, raciocínio, enfim para uma boa formação da criança. Para Rafael Rocha, por exemplo, a atividade lúdica é todo e qualquer movimento da criança, que possui a finalidade de divertir. Quando utilizada no campo da educação, a atividade lúdica proporciona um aprendizado social, cultural e cognitivo. Aprende-se brincando, desenvolvendo emoções e percepções. Desse modo, a ludicidade, além de ser importante para a saúde mental do ser humano, é a atividade que merece atenção de pais e educadores, a fim de recorrerem às atividades lúdicas e utilizá-las como recurso no processo ensino–aprendizagem.⁴⁴ As atividades lúdicas

⁴² FORTUNA, 2002, p. 13.

⁴³ SOUZA, Maria do Rosario Silva. *A importância do Lúdico no desenvolvimento da criança*. Disponível em <<http://www.saudevidaonline.com.br/artigo68.htm>> Acesso em: 20 mar 2012.

⁴⁴ ROCHA, Rafael. *O que é lúdico?* Disponível em <<http://euludico.blogspot.com.br/p/o-que-e-ludico.html>> Acesso em: 20 mar 2012.

correspondem a um impulso natural da criança, e neste sentido, satisfazem uma necessidade interior. O ser humano apresenta uma tendência lúdica.

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passa tempo, brincadeira vulgar, distração superficial. Ela é uma ação inerente na criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo.⁴⁵

O lúdico faz parte da infância da criança. Por meio da atividade lúdica, a criança expressa todas as suas reações, as suas descobertas em relação ao mundo, pois a atividade lúdica é capaz de desenvolver nas crianças a capacidade de julgar, raciocinar, relacionar-se, socializar-se com os outros. O lúdico desperta a imaginação e a percepção da criança. É a relação entre seu mundo, os ambientes, a sociedade das quais participa, pois caracteriza o prazer e o esforço espontâneo das crianças. O termo lúdico vem da palavra latim *ludos* que quer dizer *brincar*, que envolve aqui jogos, brincadeiras, brinquedos. Conforme já enfatizado, brincar é de suma importância na vida da criança, pois estimula o desenvolvimento intelectual da criança, onde a mesma, sem perceber, aprende bons hábitos e boas atitudes.

Em nossa cultura, é possível perceber vários significados sobre os termos brincadeiras, brinquedo, brincar, jogo e lúdico. Os educadores tem o dever de dar total atenção, desmistificando o sentido real, compreendendo que as atividades lúdicas não são meros passatempos. Além de a palavra 'lúdico' enfatizar a brincadeira, o brincar, o brinquedo e os jogos, é importante analisar seus significados que possibilitam o estudo da relação da criança com o mundo externo e sua importante socialização. Nessa direção, é importante clarificar alguns sentidos:

Brincadeira: é alguma forma de divertimento típico da infância; isto é, uma atividade natural da criança, que não implica em compromissos, envolve comportamento espontâneo e geradores de prazer.

Brincar: é alegria, riso, descontração, emoção, união, torcida, organização e convívio. Brinquedo é a oportunidade de desenvolvimento. Ao brincar, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além disso, brincar estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

⁴⁵ RIBEIRO, Otaci. O ato de brincar na educação infantil. *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, v. 4, n. 23, p.72-78, 2003.

Jogo: é mais importante das atividades da infância, pois a criança necessita brincar, jogar, criar e inventar para manter seu equilíbrio com o mundo.

Lúdico: é todo e qualquer movimento que tem como objetivo produzir prazer quando executado; ou seja, visa divertir o praticante. A atividade lúdica também é conhecida como brincadeira. Tem as seguintes características: são brinquedos ou brincadeiras menos consistentes e mais livres de regras e normas, são atividades que não visam a competição como objetivo principal, a realização é de forma prazerosa, existe sempre a presença de motivação para atingir os objetivos. As atividades lúdicas também ajudam a memorização de fatos e ajudam em testes cognitivos, desenvolvem a imaginação, a criatividade e a capacidade motora e de raciocínio.

De acordo com Miranda, as brincadeiras possibilitam as crianças a interagirem com seus colegas socialmente, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Nestas brincadeiras, as crianças descobrem que não são os únicos sujeitos da ação, que precisam respeitar o próximo e esperar sua vez para interagir e que todos têm um propósito a alcançar naquele momento. Para isso, a utilização das brincadeiras no processo pedagógico faz despertar o gosto pela vida e leva as crianças a enfrentar os desafios que lhe surgirem. Neste sentido, as brincadeiras podem contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do ser humano em qualquer idade, auxiliando as pessoas não só na aprendizagem, mas igualmente no desenvolvimento social pessoal e cultural, facilitando o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do pensamento. “Propor atividades que realmente despertem na criança a paixão de conhecer e o prazer de aprender”.⁴⁶

A importância do jogo na educação evoca nas crianças a criatividade e o aprendizado em pleno sentido para a educação de qualidade. Assim como outras atividades lúdicas, o jogo na educação objetiva educar de forma enriquecedora e reveladora e, dessa forma, auxiliar no desenvolvimento e no crescimento da criança. A atividade lúdica auxilia no processo de ensino-aprendizagem, tanto na parte psicomotora, isto é, no desenvolvimento da motricidade fina e ampla, das habilidades, da imaginação quanto na tomada de decisões. No entanto, através do lúdico, o ensino de todas as disciplinas se torna mais prático e sua prática mais vivencial. As próprias atividades lúdicas ultrapassam fatos e sentimentos, assim

⁴⁶ MIRANDA, Nicanor. *210 Jogos infantis*. Belo Horizonte: Italiana limitada, 1990. p. 153.

sendo, a criança reelabora seus conhecimentos suas necessidades, seus desejos de aprender criativamente.

É na infância que o lúdico expressa todas as suas descobertas em relação ao mundo. As brincadeiras afloram os sentimentos das crianças. Brincar de bonecas, jogar bolitas, cantar, pular são momentos marcantes e preciosos na vida de qualquer criança, pois elas guardam para toda a vida. São marcas que ficam explícitas a ludicidade como forma de educar esse ser em plena formação.

De acordo com Miranda, é através da ludicidade que a criança desenvolve a capacidade de raciocínio, de julgar, de verificar o que é importante no momento para si mesma, explorando todas as suas potencialidades físicas e emocionais, em todo o seu processo de desenvolvimento.⁴⁷ Neste contexto, o papel do educador será o de ser mediador e observador em todas as ingerências, a fim de ajudar a criança naquilo que ele pretende ensinar para ela. Neste sentido, o educador acaba por educar para a vida e a ludicidade emerge aqui como uma ferramenta valiosa neste processo.

O educador deve desempenhar um papel muito relevante no transcorrer das brincadeiras, fazendo intervenções se necessário e até mesmo participando delas, como participante. É necessário que o educador trabalhe o ato de brincar em forma de projeto educativo e que tenha consciência de seus atos e objetivos, da importância de sua ação em relação ao desenvolvimento e a aprendizagem infantil e que realize seu trabalho pedagógico numa perspectiva lúdica. Nessa direção, é importante salientar que o lúdico faz com que os conflitos do desequilíbrio emocional sejam recuperados, desempenhando um papel fundamental na socialização. Assim, trabalhar com cantigas de roda, jogos motores, dramatizações, jogos educativos, etc., é crucial para ajudar na construção do conhecimento da criança e seu pleno desenvolvimento na sociedade atual. O lúdico é um importante recurso pedagógico e deve ser encarado de maneira séria e responsável, com o compromisso permanente por parte dos educadores. Estes poderão propor muitos momentos de aprendizagem às crianças em vários aspectos. A atividade lúdica apresenta valores específicos para todas as fases da vida humana. É, entretanto, na idade infantil que sua finalidade é essencialmente pedagógica.

⁴⁷ MIRANDA, 1990, p. 155.

Segundo Piaget, o desenvolvimento da criança acontece através do lúdico. Entretanto, mediar os momentos da ludicidade exige muita responsabilidade e muito planejamento por parte dos educadores. Somente com responsabilidade e preparo o ensino e a aprendizagem lúdica atuarão em prol da criança.⁴⁸ Quando joga, a criança mostra todo seu frescor e toda sua espontaneidade, não sabendo esconder nenhum sentimento que a impulsiona. Uma atividade com importância tão evidente aos olhos da criança deve ser considerada, por sua vez, como a expressão de sua personalidade. Nota-se que as crianças repetem em seus jogos tudo aquilo que na vida lhe causou profunda impressão. Por outro lado, vemos com suficiente clareza que todo o jogo infantil encontra-se sob o desejo dominante da própria idade: o de serem grandes e poderem fazer o que fazem os maiores. A atividade lúdica enriquece pouco a pouco com uma significação complexa. À medida que a criança se desenvolve, ela é posta a serviço de sua agressividade, como se pode perceber, por volta dos dois anos e meio, atirando todos os seus brinquedos no chão.

Erikson distingue três fases na evolução dos jogos da criança:⁴⁹ 1) No início, o desenvolvimento se dá na “autoesfera”, onde a criança explora sensações extras ou interceptivas relacionadas com seu corpo ou com as pessoas que a cuidam; 2) Quando brinca na “microesfera”, a criança faz uso de pequenos jogos representativos, os quais exteriorizam suas fantasias, assim o jogo refaz as funções de seu ego; 3) Quando a criança alcança a “macroesfera”, utiliza suas relações com os adultos e aborda o processo de socialização.

Até hoje o brinquedo tem sido demasiadamente considerado como criação para a criança. A criança age e volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. A essência do brincar é fazer sempre de novo a transformação da experiência mais comvente em hábito. É através dos brinquedos que as crianças começam a desenvolver habilidades e criatividade. Assim, na escola, elas têm a oportunidade de brincar, não apenas com fins pedagógicos, mas de viver uma experiência que enriqueça sua capacidade e impulsiona a sociabilidade. Não podemos esquecer que as crianças dispõem de inúmeras competências, de um rico e complexo potencial de sensibilidade e criatividade cada vez mais reconhecido pela neurociência, pela psicologia e pela educação. Esse potencial ultrapassa os recortes

⁴⁸ LEBOVICI, S; DIATKINE, R. *Significado e função do brinquedo na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. p. 63.

⁴⁹ ERIKSON *apud* LEBOVICI; DIATKINE, 1985, p. 64.

das disciplinas escolares, pois é o jogo, e nada mais, que dá á luz a todo hábito. O hábito entra na vida como brincadeira e educação da criança.

Segundo Walter Benjamin, a tarefa da educação é “garantir às crianças a plenitude de sua infância”.⁵⁰ A primeira infância é decisiva para a boa formação da criança e pode ser dividida em fases. A primeira fase ocorre na infância de meninos e meninas, que entram no processo de tornarem-se humanos e crescerem, com suas mães, num viver centrado na biologia do amor. Trata-se de um viver com os adultos. A criança vive a primeira fase de sua vida como uma dança prazerosa, com base na cooperação e no entendimento de todas as aprendizagens humanas. Estudos demonstram que a qualidade de vida de uma criança até os seis anos determinará as contribuições que ela trará quando adulta. Este período inclui suporte para o crescimento cognitivo, desenvolvimento da linguagem, habilidades motoras e relações sociais fortalecidas. Nessa direção, A primeira etapa da educação básica complementa a ação da família, no desenvolvimento físico, psicológico intelectual e social.

A segunda fase começa quando uma criança começa viver uma vida centrada na luta e na apropriação, num jogo contínuo de relações de autoridade e subordinação. Um contínuo esforço pela apropriação e controle da conduta dos outros. Assim, a criança que não vive sua primeira infância numa relação de total confiança e aceitação, num encontro íntimo com sua mãe não se desenvolve adequadamente como um ser social bem integrado. Toda criança deve adquirir o seu eu ou identidade individual social como uma forma particular e de mútua aceitação. Toda criança é considerada um ser global. Nelas, o afetivo, o cognitivo e o simbólico são inseparáveis. No entanto, ela age, sente, pensa e sempre interage com o meio humano e físico. Em especial, toda a educação pré-escolar deve ser entendida e trabalhada de forma interdisciplinar, priorizando todas as áreas do conhecimento. O desenvolvimento de uma criança tanto como um ser biológico quanto como um ser social necessita do contato com a mãe, em total aceitação presente. As brincadeiras espontâneas das crianças não são arbitrarias, mas dinâmicas e corporais. Elas são expressões entre o ser vivo e o seu meio. Finalmente, a criação do espaço-tempo por uma criança em crescimento, é a conquista espiritual mais básica da infância.

⁵⁰ BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades: 2002.

Ser criança é ter identidade e autonomia, é poder expressar suas emoções, suas necessidades, é formar sua personalidade, é socializar-se em contato com a multiplicidade de atores sociais, é expressar a compreensão do mundo pelas linguagens gestuais, artísticas além de oral e escrita. Ser criança é ter o direito “a educação, ao brincar, aos amigos ao conhecimento, mas é principalmente a liberdade de escolha”.⁵¹

O desenvolvimento da inteligência, da vontade e da sensibilidade é que irá definir a forma de integração da criança na sociedade. É preciso ter em mente que os primeiros anos são decisivos para o seu desenvolvimento. Assegurar a criança o direito de ser pessoa significa dar-lhe a possibilidade de ser quem realmente é, sem necessidade de esconder, de fingir. Uma atitude firme e serena na hora da repreensão mantém a confiança da criança para que ela se mostre como é, sendo uma oportunidade de ensinar pelo exemplo, de crescer como pessoa. A transmissão de informações começa desde o início da vida da criança e deve ocupar uma parte substancial do processo educativo. O diálogo com um adulto paciente e interessado é o melhor veículo para a informação da criança.

Uma questão muito discutida atualmente é o pouco interesse das crianças pela leitura e o grande número de horas que elas passam perante a televisão. Não há dúvida de que a leitura é um dos modos mais eficientes de estímulos à inteligência. A leitura é capaz de treinar a criança a imaginar coisas, estimular o uso da memória e desenvolver a criatividade. Entretanto, é necessário que adultos mostrem a criança que o livro é um valioso repertório de informações e que ensinem a criança a usá-lo. Outro inimigo da inteligência das crianças são os chamados brinquedos eletrônicos, especialmente os videogames, mas também os minicomputadores. Esses brinquedos limitam o pensamento da criança, não deixando qualquer margem para a criatividade. Eles produzem o malefício de habituar a criança a brincar com uma simples máquina, não com outras crianças. Anula-se, desse modo, uma extrema possibilidade de relacionamento humano, que é o momento de brincar coletivamente.

A criança tem o direito de ser tratada como um ser sensível, como um ser racional, de dar e receber afeto. Todo ser humano tem esse direito. O tratamento afetuoso serve de amparo e estímulo à criança, pois ela cria seu mundo, seu ambiente humano e com toda confiança. Um ponto importante é o papel do

⁵¹ KISHIMOTO, Tizuko Mochida. *Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993. p.13.

ambiente familiar no processo educativo, sobretudo, na procura do equilíbrio. A criança que não tiver o direito de sonhar ainda não começou a viver. A criança sem sonhos esta limitada ao mundo da razão de ser alegre e feliz. Para Muffato, a primeira idade da criança é a infância que planta os dentes, logo em seguida vem a segunda idade, chama-se *pueritia*, e essa idade dura até os 14 anos.⁵² Depois, segue-se a terceira idade, que é chamada adolescência.

Na perspectiva da ludicidade, primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com cavalo de pau, boneca, pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos e as meninas aprendem a ler ou seguram um livro ou um estojo. Em seguida, surgem as idades do amor ou dos esportes da corte ou da cavalaria, festas, passeios etc. Para Goussault, a educação das crianças é uma das coisas mais importantes do mundo. As crianças são plantas jovens que é preciso cultivar e regar com frequência: alguns conselhos dados na hora certa.⁵³

A ludicidade é uma necessidade do ser humano em qualquer idade e não pode ser vista somente como diversão, pois prepara a criança para um estado interior fértil, facilita o processo de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento. Os jogos, portanto, “são as múltiplas manifestações do jogar, enquanto que o jogo tem seu fundamento no viver”.⁵⁴ Nessa direção, Airton Negrine faz considerações importantes mostrando que

O jogo recorre os estágios evolutivos do ser humano e em cada um deles exercitam-se com jogos ou brinquedos diferentes. O jogo didático tem por objetivo afiançar noções básicas às disciplinas em diferentes níveis. Não se deve confundir como jogo espontâneo, que é aquele que surge da própria pessoa, dirigido por sua imaginação, por recriar a realidade.⁵⁵

Todo jogo didático deve tomar o caráter espontâneo, pois quem viveu com intensidade uma verdadeira experiência recreativa quer voltar a repeti-la. A lembrança desse momento incita a criança a buscar os meios para reviver o potencial afetivo que despreendeu naquele instante.

⁵² MUFFATO, Cleonice Mara Gomes. *Um estudo introdutório acerca da violência entre adolescentes: o caso de São João Del-Rei*. Disponível em: <<http://www.unipac.br/bb/teses/chdm20072-4.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2012.

⁵³ BULATY, Andréia, PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. *A infância no sistema faxinal: uma experiência de vida coletiva no campo*. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2463_1109.pdf>. Acesso em: 20 mar 2012.

⁵⁴ NEGRINE, Airton. *O Corpo na Educação Infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 234.

⁵⁵ NEGRINE, 2002. p.235

Conforme Jane Aparecida, a expansão da educação infantil carrega ideologias, valores. O jogo e a criança caminham juntos desde o momento em que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca, portadora de uma especificidade que se expressa pelo ato lúdico, a infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração.⁵⁶

2.2 O LÚDICO ATRAVÉS DO JOGO

O jogo tradicional infantil é um tipo de jogo livre, espontâneo, no qual a criança brinca pelo prazer de fazê-lo e, dessa forma, acaba condensando experiências vividas espontaneamente de acordo com suas motivações internas e externas. O poder do jogo, de criar situações imaginárias, permite a criança ir além do real. Isso colabora para o seu desenvolvimento, permitindo o aproveitamento de todo o seu potencial. No jogo, a criança toma iniciativa, planeja, executa, avalia; enfim, ela aprende a tomar decisões, aprende e se desenvolve.

Atualmente, estudos piagetianos demonstram a relevância desse tipo de jogo para auxiliar a criança pré-escolar a desenvolver a moralidade, a cooperação e a própria compreensão das regras. Entretanto, a urbanização e a industrialização alteram o panorama da cidade e a vida das crianças, as crianças não têm jardins, quintais, parques onde brincar e jogar. Nessa direção, pode-se concluir que as crianças de rua são as únicas a usufruir o direito de partilhar dos jogos livres, como os jogos tradicionais infantis que se desenrolam em grandes espaços públicos.

Percebe-se que a criança precisa dominar as formas de manipulação dos objetos. A criança procura o jogo como uma necessidade e não como distração. É pelo jogo que a criança se revela, as suas inclinações boas ou más, a sua vocação, as suas habilidades, o seu caráter, tudo o que ela traz latente no seu eu em formação torna-se visível pelo jogo e pelos brinquedos que ela executa. Nessa direção, Dewey, ao conceber a infância, estimulou a adoção de jogo livre como forma de atender necessidades e interesses das crianças. Desse modo, em síntese, é possível afirmar que a educação pré-escolar, em seus primórdios, incorporou os

⁵⁶ CARVALHO, Jane Aparecida de Lima. *A Psicomotricidade na Educação Infantil*. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/JANE%20APARECIDA%20DE%20LIMA%20CARVALHO.pdf>> Acesso em: 20 mar 2012.

princípios de Froebel, Dewey, Decroly e Montessori. Para os autores que valorizam o emprego do jogo, ela aparece como atividade livre, que dá prazer e estimula o desenvolvimento físico, cognitivo e social, prevalece a ideia de que o jogo é fundamental para a educação e para o desenvolvimento infantil, marcado pela transmissão oral, introduzindo conteúdos escolares e habilidades a serem adquiridas por meio da ação lúdica.

O jogo e a criança caminham juntos desde o momento em que se fixa a imagem da criança como um ser que brinca. A infância carrega consigo as brincadeiras que se perpetuam e se renovam a cada geração.⁵⁷ Nessa direção, Alminhana,⁵⁸ classifica os brinquedos em três tipos diferentes: 1) O brinquedo completamente pronto, simples ou mecânico (carrinhos e seus derivados); 2) Os brinquedos feitos aos poucos, que a própria criança deve completar (loteria, quebra-cabeça, etc.); 3) Materiais de jogo: (argila, etc.), jogos com os quais a criança cria, constrói, faz combinações, etc... Para alguns, o brinquedo é uma criação contínua, livre e espontânea, culmina com uma construção, é configurativo. Outros julgam que é através do brinquedo que a criança conquista sua primeira relação com o mundo exterior e entra em contato com os objetos.⁵⁹

É possível perceber que o brinquedo não é só a satisfação dos desejos, mas também domínio sobre a realidade frustrante. “O jogo transforma a angústia da criança normal em prazer”.⁶⁰ O brinquedo, então, passa a ser uma representação direta da luta desses instintos, isto é dos objetos bons e maus. As possibilidades de expressão e criação do brinquedo implicam sem dúvida que são uma modalidade de psicoterapia. Os psicanalistas mostram o brinquedo da seguinte maneira:⁶¹

a) Brincar na presença de um adulto, que deixa a criança livre para brincar como queira e o que queira, é o fundamental para a experiência emocional.

b) O próprio conteúdo do brinquedo está afetado pelas relações transferenciais em que a criança se transporta para o seu cotidiano, imitando o mundo adulto.

Como foi visto, os jogos e os brinquedos são algumas das atividades lúdicas que as crianças utilizam para realizar suas brincadeiras, entrando em seu mundo

⁵⁷ KISHIMOTO, 1993.

⁵⁸ ALMINHANA, Odete. *O jogo e os jogos*. 3. ed. Porto Alegre: Ceitec, 2004. p. 45.

⁵⁹ ALMINHANA, 2004, p. 50.

⁶⁰ SANTOS, Antonio Carlos dos. *Jogos e atividades lúdicas na alfabetização*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998. p. 46.

⁶¹ SANTOS, 1998, p. 46-47.

infantil. Existem também outros tipos de atividades lúdicas que são movimentos corporais, filmes, músicas, danças, desenhos e fantoches; ou seja, toda forma de se expressar, de brincar, de se envolver com o mundo da imaginação torna-se uma atividade lúdica. A criança se desenvolve pela experiência social criada por ela mesma. Dessa forma, a brincadeira é uma atividade humana na qual as crianças assimilam e recriam a experiência sociocultural dos adultos. Nesta perspectiva, a brincadeira encontraria um papel educativo importante na escolaridade das crianças que vão se desenvolvendo e conhecendo o mundo a partir das diferentes histórias de vida das crianças, dos pais e dos professores.

O direito da infância é, prioritariamente, o direito ao não trabalho. A brincadeira é característica da infância e fornece a possibilidade da construção de uma identidade infantil autônoma, cooperativa e criativa. A criança que brinca pode adentrar no mundo do trabalho e no mundo adulto por meio da brincadeira. Por meio dela, as crianças podem apropriar-se do conhecimento universal, organizado de forma independente do adulto, e exercer sua posição social. Afinal, o que é exatamente a brincadeira infantil? A brincadeira é um *fato social*, espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito-criança como sujeito humano, produto e produtor de história e cultura. Na perspectiva sócio-histórica antropológica, a brincadeira é um tipo de atividade cuja base genética é comum a da arte, ou seja, a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios. E, simultaneamente a isso, a brincadeira é uma atividade específica da infância.

A brincadeira é o resultado das relações interindividuais de cultura, pressupõe uma aprendizagem e comportamento social. Portanto, segundo Brougere, a brincadeira é uma mutação do sentido da realidade. Nela, as coisas se transformam em outras. A brincadeira é uma forma de atividade social infantil imaginativa única para as crianças. Na brincadeira, as crianças podem pensar e experimentar situações novas. A brincadeira também pode ser o espaço de reiteração de valores, com os quais a maioria das crianças se confronta diariamente.⁶²

A garantia do espaço da brincadeira na pré-escola é a garantia de uma possibilidade de educação da criança em uma perspectiva criadora, voluntária e

⁶² BROUGERE apud. LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Brincadeiras de menina na escola e na rua: Reflexões da pesquisa no campo. *Cadernos CEDES*, Campinas, v.22, n. 56, p. 63-80, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 20 mar 2012.

consciente. Reiterando as ideias de Brougere, brincadeira é o lugar de socialização, da administração da relação com o outro, da apropriação da cultura, do exercício da decisão e da invenção. Inclusive, em alguns momentos, a atividade de desenho infantil será considerada brincadeira tendo em vista o comportamento interpretativo e imaginativo das crianças, do ponto de vista do desenvolvimento da criança faz vantagens sociais, cognitivas e afetivas.⁶³

Segundo o Vygotsky, é na brincadeira que a criança se comporta além do comportamento habitual de sua idade, a criança vive uma experiência no brinquedo como se ela fosse maior do que é na realidade. Segundo o autor, a brincadeira possui três características: a imaginação, a imitação e a regra. Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade. Portanto, a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil, no qual o desenvolvimento pode alcançar níveis mais complexos. A brincadeira infantil passa a ter uma importância fundamental na perspectiva do trabalho pré-escolar, tendo em vista a criança como sujeito histórico social, onde estas poderão estar imaginando e vivendo suas relações familiares, as relações de trabalhos, as fala, a escrita. Desse modo, a brincadeira se torna um fator educativo no processo pedagógico. De qualquer forma, alguns pontos são necessários para se garantir o aparecimento da brincadeira na pré- escola:

- Que a rotina escolar contemple períodos longos entre atividades dirigidas para que as crianças se sintam à vontade para brincar;
- Que existam materiais variados, organizados de maneira clara e acessível às crianças. O acesso e a organização dos materiais devem levar em conta a idade das crianças.
- Que a sala onde as crianças passam a maior parte de seu tempo tenha configuração visual e espacial que facilite o desenvolvimento da imaginação.
- Que haja um período em que as crianças e o adulto responsável possam conversar sobre as brincadeiras que vivenciaram, sobre o material que utilizaram para os personagens e os personagens que assumiram.
- Que a brincadeira seja incorporada no currículo como um todo, e que o adulto seja elemento integrante das brincadeiras, como observador e

⁶³ BROUGERE apud. LEITE, 2002.

organizador, ora como personagem, ora como elo entre as crianças e os objetos.

Conforme Maluf, a brincadeira deve ocupar um espaço central na educação infantil, entendendo que o professor é a figura fundamental para que isso aconteça, criando os espaços, oferecendo-lhes material e partilhando as brincadeiras das crianças.⁶⁴

2.3 LÚDICO E EDUCAÇÃO INFANTIL: PISTAS PARA A PRÁTICA EDUCATIVA

A educação lúdica se assenta em pressupostos que valorizam a criatividade, o cultivo da sensibilidade, a busca da afetividade, proporcionando aos futuros educadores vivências lúdicas. Quanto mais o educador vivenciar sua ludicidade, maior será a chance deste profissional trabalhar com a criança de forma prazerosa. A educação motora deverá estar presente no processo educacional da criança, e o educador desempenha um papel fundamental nesse processo, não para impor atividades e gestos, mas sim para criar e oportunizar situações lúdicas às crianças, oferecendo materiais de características diversificadas e ensinando o seu manuseio.

A formação do educador ganharia em qualidade, se estivessem presentes os três pilares: a formação teórica, a formação pedagógica e, como inovação, a formação lúdica. Esta deve possibilitar ao futuro educador conhecer-se como pessoa, saber de suas possibilidades e limitações, desbloquear suas resistências e ter uma visão clara sobre a importância do jogo e do brinquedo para a vida da criança. As atividades lúdicas são a essência da infância. Através do lúdico, a criança realiza aprendizagem significativa. Brincar é uma necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação, pois ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual, social e cognitivo.

Assim, a criança explora o mundo em que vive através do movimento corporal, se relaciona com o outro, aprende sobre si mesma identifica, sobre suas capacidades e desenvolve habilidades e a integração social. Destaca-se, neste objeto de estudo, a importância sobre o resgate do lúdico. Para isso, é preciso dar importância às peculiaridades da criança nas suas diversas fases do seu

⁶⁴ MALUF, Angela Cristina Munhoz. .Brincar na Escola. *Psicopedagogia Online*. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=270>> Acesso em: 20 mar 2012.

crescimento motor e psicossocial. Conforme Piaget, o desenvolvimento do ser obedece a certos estágios hierárquicos, desde o nascimento até os dezesseis anos:

Estágio senso-motor (do nascimento aos dois anos) é a conduta constituída sobre as impressões sensoriais e os movimentos.⁶⁵ A criança desenvolve um conjunto de esquemas de ação sobre o objeto que lhe permite construir um conhecimento físico da realidade. A criança é capaz de fazer imitações e também representações cada vez mais complexas.

Estágio pré-operatório ou objetiva simbólica (dos 2 aos 6 anos) é o estágio em que a criança tem a capacidade de fazer a representação de um objeto através de símbolos, um sinal verbal ou imagem. É chamada idade dos “porquês” e do faz de conta.

Estágio operatório-concreto ou lógico-concreto (dos 7 aos 11anos) é o período em que a criança começa a construir conceitos, através de uma estrutura lógica, de quantidade, e constrói o conceito de número. Neste estágio, ela ainda não faz abstrações.

Estágio operatório-formal ou hipotético-dedutivo (dos 11 aos 16 anos). Neste estágio, o indivíduo é capaz de analisar criticamente um conteúdo ou objeto, é o processo do desenvolvimento da inteligência. Neste estágio, o adolescente constrói o pensamento abstrato e as hipóteses possíveis.

Todos os jogos possuem peculiaridades que aproximam ou distanciam. Para aumentar a complexidade de campo em questão, entre os materiais lúdicos, alguns são usualmente chamados de jogo, outros, brinquedos. O jogo pode ser visto como o resultado de um sistema linguístico que funciona dentro de um contexto social, um sistema de regras e um objeto.⁶⁶ O sentido do jogo depende da linguagem de cada contexto social. Dessa forma, enquanto fato social, o jogo ou qualquer atividade lúdica assume a imagem, o sentido que cada sociedade lhe atribui. Já nos tempos do Romantismo, o jogo aparece com algo sério e destinado a educar a criança.

O jogo simbólico permite a criança a vivenciar aspectos do mundo adulto e isso possibilita a mediação entre o real e o imaginário. Tais estruturas sequenciais de regras permitem diferenciar cada jogo, permitindo superposição com a situação

⁶⁵ PIAGET, Jean. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 54.

⁶⁶ KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

lúdica; ou seja, quando alguém joga, está executando as regras do jogo e, ao mesmo tempo, desenvolvendo uma atividade lúdica.⁶⁷

Brinquedo supõe uma relação íntima com a criança e uma indeterminação quanto ao uso; ou seja, implica a ausência de um sistema de regras que organizam sua utilização. O brinquedo estimula a representação, a expressão de imagens que evocam aspectos da realidade. O brinquedo representa certas realidades, coloca a criança na presença de reproduções, onde um dos objetivos do brinquedo é dar à criança um substituto dos objetos reais, para que possa manipulá-los.⁶⁸

Kishimoto comenta que hoje os brinquedos reproduzem o mundo técnico e científico e o modo de vida atual, com aparelhos eletrodomésticos, naves espaciais, bonecos, robôs, entre outros. De acordo com o autor, ao assumir a função lúdica e educativa, o brinquedo educativo merece algumas considerações.⁶⁹

1) Função lúdica: o brinquedo propicia diversão, prazer e até desprazer, quando escolhido voluntariamente.

2) Função educativa: o brinquedo ensina qualquer coisa que complete o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. Ao brincar de faz de conta, a criança está aprendendo a criar símbolos.

Os jogos de construção são considerados de grande importância por enriquecer a experiência sensorial, estimular a criatividade e desenvolver habilidades da criança. Construindo, transformando e destruindo, a criança expressa seu imaginário, seus problemas e seu desenvolvimento afetivo e intelectual.

Para Vygotsky,⁷⁰ a imaginação em ação ou brinquedo é a primeira possibilidade de ação da criança numa esfera cognitiva que lhe permita ultrapassar a dimensão perceptiva motora do comportamento. É através das relações dialéticas com o meio físico e social que a criança constrói seu pensamento, transformando os processos psicológicos elementares em processos complexos, fazendo que a cultura torne-se parte de cada pessoa.

O autor afirma que a imaginação criadora da criança surge em forma de jogo. No entanto, o jogo está presente na escola, quer o professor permita quer não. Entretanto, é um jogo de regras marcadas, predeterminadas, em que a única ação permitida à criança é a obediência, ou melhor, a submissão. Por isso, é preciso

⁶⁷ KISHIMOTO, 1996.

⁶⁸ KISHIMOTO, 1996.

⁶⁹ KISHIMOTO, 1996.

⁷⁰ VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 1988, p. 80.

resgatar o direito da criança a uma educação que respeite seu processo de construção do pensamento, que lhe permita desenvolver-se nas linguagens expressivas do jogo, do desenho e da música.

Segundo Freud, cada criança em suas brincadeiras comporta-se como um poeta, enquanto cria seu mundo próprio ou, dizendo melhor, enquanto transpõe os elementos formadores de seu mundo para uma nova ordem, mais agradável e conveniente para ela. No entanto, a criança explora o mundo em que vive através do movimento corporal.⁷¹ Quando vemos uma criança brincando de faz de conta, sentimo-nos atraídos pelas representações que ela desenvolve. Assim, os papéis são desempenhados com clareza: a menina torna-se mãe, tia, irmã, professora; o menino torna-se pai, polícia, onde os papéis são improvisados.

Para Piaget, quando a criança brinca, ela assimila o mundo à sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois a interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas a função que a criança lhe atribui. É o que Piaget chama de jogo simbólico.⁷² Essa compreensão é próxima à leitura de Rafael Jesus, que defende que a maior parte dos jogos de faz de conta também tem qualidade social no sentido simbólico.⁷³

Para Vygotsky,⁷⁴ o que define o brincar é a situação imaginária criada pela criança, que muda conforme a idade, trazendo as seguintes considerações: a) O brinquedo que comporta uma situação imaginária também comporta uma regra. Não uma regra explícita, mas uma regra que a própria criança cria; b) O brinquedo tem grande importância no desenvolvimento, pois cria novas relações entre situações no pensamento e situações reais. Para Piaget, o brincar representa uma fase no desenvolvimento da inteligência, marcada pelo domínio da assimilação sobre a acomodação, tendo como funções consolidar experiência passada.

⁷¹ FREUD, Sigmund apud. GRANDIS, Eliana Dias de Oliveira. *A brincadeira como mediadora no desenvolvimento da criança*. Disponível em: <http://www.cefaprojuina.com/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=515:brincadeira-ira-mediadora-desenvolvimento-crianca&catid=57:autoria&Itemid=71> Acesso em: 20 mar 2012.

⁷² PIAGET, apud DUDEK, Cistiane; COSTA, Reginaldo R. *O brincar e a aprendizagem na educação infantil de quatro a seis anos*. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI118.pdf>> Acesso em: 20 mar 2012.

⁷³ JESUS, Rafael Alves Sá. O jogo simbólico como mediador da interação professor-aluno. In: XXV CONADE. *Anais do...* Goiânia: UFG, [s.d.]. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/831>>. Acesso em: 20 mar 2012.

⁷⁴ VYGOTSKY, apud REGO, Teresa Cristina. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre, ARTMED, 2003, p. 74.

O destino da criança na vida adulta depende inteiramente da maneira pela qual foi educada na infância.⁷⁵ Neste contexto, o jogo tem sua função lúdica de propiciar diversão, prazer, e, na sua função educativa, torna-se algo que ensina, completando o saber, o conhecimento e a descoberta do mundo das crianças. O jogo pode ser livre de pressões e avaliações, criando um clima de liberdade, propício à aprendizagem e estimulando a moralidade, o interesse, a descoberta e a reflexão.

O jogo organizado constitui o melhor método para inculcar princípios, normas e estabelecer padrões morais. A formação do caráter não decorre do jogo em si, mas resulta, surge, por meio ou através do jogo. E mais, a conduta revelada no jogo organizado transfere para outras atividades de sorte que pode se dizer, sem receio de errar, que o comportamento da criança no jogo organizado é idêntico ao seu comportamento social em toda e qualquer atividade. O jogo organizado é fonte e causa eficiente de hábitos morais.⁷⁶

Os jogos têm como objetivo educar e promover o bem estar das crianças. Os jogos educativos ou didáticos estão orientados para estimular o desenvolvimento do conhecimento escolar mais elaborado, calcular, ler e escrever. Os jogos de construção ganham espaço na busca deste conhecimento físico, porque desenvolvem as habilidades manuais, a criatividade, enriquecem a experiência sensorial, além de favorecer a autonomia e a sociabilidade. Sendo assim, poderíamos dizer que, de acordo com Ribeiro, o jogo é um recurso do qual o mediador, no caso, o professor, pode fazer uso para ajudar as crianças com dificuldades de aprendizagem a se tornarem sujeitos pensantes, participantes e felizes.⁷⁷

Um professor que não sabe ou não gosta de brincar dificilmente desenvolverá a capacidade lúdica dos seus alunos. Ele parte do princípio de que brincar é bobagem, perda de tempo. Assim, antes de lidar com a ludicidade do aluno, é preciso que o professor desenvolva a sua própria capacidade de trazer o lúdico em sala de aula. Nas palavras de Ribeiro,

A educação lúdica está distante da concepção ingênua de passatempo, brincadeira vulgar, distração superficial. Ela é uma ação inerente à criança, no adolescente, no jovem e no adulto e aparece sempre como uma forma transacional em direção a algum conhecimento, que se redefine na

⁷⁵ BETTE, Lhein. *Bruno: uma vida para seu filho*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Campos, 1988. p. 66.

⁷⁶ MIRANDA, 1990, p. 153.

⁷⁷ RIBEIRO, 1992. p.125

elaboração constante do pensamento individual em permutações com o pensamento coletivo.⁷⁸

A capacidade lúdica do professor é um processo que precisa ser pacientemente trabalhado. O professor que não gosta de brincar, mas esforça por fazê-lo, normalmente assume postura artificial, facilmente identificada pelos alunos. A saída deste processo é um trabalho mais consistente e coerente do professor.

Ao relacionarem-se com as formas e os conteúdos de desenhos animados, programas infantis, comerciais, e, com as pessoas presentes na sua vida familiar, etc., as crianças mostram-se como sujeitos ativos e interativos. Sabendo disto, desta influência da mídia, devido aos avanços tecnológicos da atualidade, a instituição e os educadores devem criar, dentro da escola, formas criativas, dinâmicas e condizentes com o mundo atual, que desperte o prazer em aprender, e o lúdico proporciona isto. Portanto, na vida da criança, o jogo ganha espaço, através da focalização de suas propriedades formativas, educacionais, progressistas, que valorizam a participação ativa do educando no seu processo de formação.

Nesta perspectiva, a brincadeira deixa de ser coisa de criança e passa a se constituir em coisa séria, digna de estar presente entre recursos didáticos capazes de compor uma ação docente comprometida com os alvos do processo de ensino aprendizagem que se pretende atingir. Para Vigotsky, o brincar permite ainda aprender a lidar com as emoções. Pelo brincar, a criança equilibra as tensões provenientes do seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal sua personalidade. Pelo brincar, a criança reorganiza suas experiências, oferece oportunidades para ela mesma. Brincar é criar espaço, para a reconstrução do conhecimento.⁷⁹

⁷⁸ RIBEIRO, 1992, p. 76.

⁷⁹ VYGOTSKY apud OLIVEIRA, 1988, p.80.

CONCLUSÃO

Cada criança carrega mistérios aos quais não se tem acesso, devido a difícil tarefa de compreender sua história de vida e a lógica de seu pensamento. É preciso ampliar e aprofundar a nossa observação e a nossa reflexão sobre o seu modo de ser e aprender, respeitando o princípio de que a criança constrói o seu conhecimento. E ela faz isso de forma única pela sua própria ação sobre o seu meio, sendo que, através do lúdico, seu conhecimento na educação básica torna-se mais prazeroso e significativo, fazendo com que o aprendizado seja correlacionado com o mundo em que vive.

Não se pode esquecer que o tipo de atividade lúdica a ser implantada dependerá da fase em que a mesma se encontra. Cada etapa de vida de uma criança é altamente significativa às próprias conquistas. Cada etapa precisa ser analisada como um projeto de futuro. Conseqüentemente, a avaliação precisa se voltar à investigação séria dos processos evolutivos de pensamento.

A avaliação em educação infantil precisa resgatar o sentido essencial do desenvolvimento infantil, de reflexão sobre seu cotidiano. O conhecimento de uma criança é construído lentamente, pela sua própria ação educativa e, também, através de sua interação com o mundo. É preciso que o processo avaliativo supere o individualismo e gere a cooperação entre os elementos da ação educativa. Entretanto, a avaliação precisa fundamentar-se na concepção de educação que respeita cada momento da vida da criança, dentro de seu tempo particular de ser e de se desenvolver, ao contrário dos parâmetros de julgamentos de atitudes que as rotulam e as julgam precocemente como incapazes.

Neste sentido, são necessários registros frequentes sobre o que se observa, como um exercício de aprendizado do olhar do professor, permanecendo sempre atento as novas descobertas de cada criança e do grupo como um todo. Dessa forma, o professor precisa acompanhar a trajetória da ação e do pensamento da criança. Percebemos que a sabedoria e o conhecimento carregam inúmeras possibilidades quando trabalhadas com igual valor. Enquanto educadores,

precisamos reconhecer que todas as pessoas são portadoras de saberes e de conhecimentos, até mesmo as crianças.

Observou-se que o ato do brincar espontâneo das crianças é a construção em movimento, é crescer brincando, no qual cada erro se torna uma possibilidade de aprendizagem, é permitir o desabrochar da criatividade da criança e não bitolar. Há muitas experiências, descobertas, leituras e reflexões a destacar e a compartilhar neste paradigma de educar através de atividades lúdicas, atividades estas que nascem em cada criança e evocam novas formas de ensinar. Por isso, o educador deve acreditar, permitir-se, inserir o lúdico na aprendizagem educativa, tentar fazer o diferente, aceitar novos desafios, para melhorar a qualidade do ensino e para a criança aprender com prazer e ser feliz.

Diante de muitos avanços na área educacional, é preciso buscar novos caminhos para enfrentar os desafios do novo milênio. Neste cenário, é inevitável o resgate do prazer lúdico na educação e na vida, visto pela ótica da competência, da criatividade e do comprometimento.

REFERÊNCIAS

ALMINHANA, Odete. *O jogo e os jogos*. 3. ed. Porto Alegre: Ceitec, 2004.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 2. ed. rev. e atualizada São Paulo: Moderna, 1996.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo à sociedade a sociedade aprendente*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BAFFI, Maria Adelina T. *O planejamento em Educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas*. Petrópolis, 2002.

BARBOSA, Daniel. *Conceito de Educação*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAATI8AJ/conceito-educacao>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Duas Cidades: 2002.

BETTE, Lhein. *Bruno: uma vida para seu filho*. 26ª ed. Rio de Janeiro: Campos, 1988.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Lei Nº 8.069: *Estatuto da Criança e do adolescente*. Brasília, 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 13 dez. 2011.

BRASIL. Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. *Referências sobre os direitos da criança baseado no Estatuto da Criança e Adolescente*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.

LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira. Brincadeiras de menina na escola e na rua: Reflexões da pesquisa no campo. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 22, n. 56, p. 63-80, set. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622002000100005&script=sci_arttext> Acesso em: 20 mar. 2012.

BULATY, Andréia, PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. *A infância no sistema faxinal: uma experiência de vida coletiva no campo*. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2463_1109.pdf. Acesso em 20 mar 2012

CARVALHO, Jane Aparecida de Lima. *A Psicomotricidade na Educação Infantil*. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/7/JANE%20APARECIDA%20DE%20LIMA%20CARVALHO.pdf>> Acesso em 20 mar 2012.

CHAUTA, Gabriel. *Educação: A solução está no afeto*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/57800246/Livro-Educacao-a-Solucao-Esta-No-Afeto-Gabriel-Chalita>>.

CONCEITO de Criança e de Menor. Disponível em: <http://www.ussetubal.pt/Legislacao/crianca_01.htm>.

CRESCER, Escola Infantil. Avaliação. Disponível em: <<http://www.escolainfantilcrescer.com.br/index.php?id=8>>. Acesso em: 12 jan. 2012.

DUDEK, Cistiane; COSTA, Reginaldo R. *O brincar e a aprendizagem na educação infantil de quatro a seis anos*. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2005/anaisEvento/documentos/com/TCCI118.pdf>> Acesso em 20 mar 2012

FORTUNA, Tânia Ramos. Papel do Brincar: aspectos a considerar no trabalho lúdico. *Revista do Professor*, Porto Alegre, p. 9-14, jul/set, 2002.

GEORGE, Sherron K. *Igreja Ensinadora: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã*. Campinas: Luz para o Caminho, 1993.

GRANDIS, Eliana Dias de Oliveira. *A brincadeira como mediadora no desenvolvimento da criança*. Disponível em: <http://www.cefaprojuina.com/portal/index.php?option=com_content&view=article&id>

=515:brincadeira-mediadora-desenvolvimento-crianca&catid=57:autoria&Itemid=71>
Acesso em: 20 mar 2012.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. *Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança: avaliação na pré-escola*. Porto Alegre: Mediação, 1996.

INFÂNCIA. Disponível em:

<<http://www.tiosam.org/enciclopedia/index.asp?q=Inf%C3%A2ncia>>. Acesso em: 18 jan. 2012.

JESUS, Rafael Alves Sá. O jogo simbólico como mediador da interação professor-aluno. In: XXV CONADE. *Anais do...* Goiânia: UFG, [s.d.]. Disponível em: <<http://revistas.jatai.ufg.br/index.php/acp/article/view/831>>. Acesso em: 20 mar 2012.

KISHIMOTO, Tizuko M. *Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. *Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LEBOVICI, S; DIATKINE, R. *Significado e função do brinquedo na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

LOUVEM, Mônica Andréa Porto. *Tempos na escola: conjugando chrónos e kairós*. Disponível em: < <http://pedagogosaracruz.blogspot.com/2010/03/tempos-na-escola-conjugando-chronos-e.html>>.

MALUF, Angela Cristina Munhoz. .Brincar na Escola. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=270>> Acesso em: 20 mar. 2012.

MIRANDA, Nicanor. *210 Jogos infantis*. Belo Horizonte: Italiana limitada, 1990.

MONTESORI, Maria. *Formação do homem*. São Paulo: Nórdica, 2000.

MONTESORI, Maria. *O que você precisa saber sobre seu filho*. Rio de Janeiro: Portugália, 1998.

MORIN Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MUFFATO, Cleonice Mara Gomes. *Um estudo introdutório acerca da violência entre adolescentes: o caso de São João Del-Rei*. Disponível em: <<http://www.unipac.br/bb/teses/chdm20072-4.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

NEGRINE, Airton. *O Corpo na Educação Infantil*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. *Pensar a Educação: Contribuições de Vygotsky*. In: Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate. São Paulo: Ática, 1988.

OLIVEIRA, Cássia Pereira. *O que é Educação infantil?* Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/1948917-que-%C3%A9-educac%C3%A7%C3%A3o-infantil/>>.

PETRY, Luíza. RESMINI, Gabriela. FRANCO, Marina. MEIMES, Maíra. *Infância*. Disponível em: < <http://www6.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/infancia-texto.html>>.

PIAGET, Jean. *Aprendizagem e Conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Psicologia e Pedagogia: a resposta do grande psicólogo aos problemas de ensino*. São Paulo: Forense, 1970.

REGO, Teresa Cristina. *Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre, ARTMED, 2003.

RIBEIRO, Otaci. *O ato de brincar na educação infantil*. Presença Pedagógica, Belo Horizonte, v. 4, n. 23, p. 72-78, set/out, 1992.

ROCHA, Rafael. O que é lúdico? Disponível em <<http://euludico.blogspot.com.br/p/o-que-e-ludico.html>> Disponível em 20 mar 2012

RODRIGUES, Sílvia Adriana. GARMS, Gilza Maria Zauhy. *Concepções e metodologias de avaliação na educação infantil: os percalços e os desafios da atualidade*. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2006/epg/05/EPG0000096%20ok.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2012.

SANTOS, Antonio Carlos dos. *Jogos e atividades lúdicas na alfabetização*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

SOUZA, Maria do Rosario Silva. A importância do Lúdico no desenvolvimento da criança. Disponível em <<http://www.saudevidaonline.com.br/artigo68.htm>> Acesso em: 20 mar. 2012.

TERRA, Márcia Regina. *O desenvolvimento humano na teoria de Piaget*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Planejamento: Plano de Ensino aprendizagem e Projeto Educativo: elementos metodológicos para elaboração e Realização*. São Paulo: Libertad, 1995.